

MONTHLY HOUSE VIEW

JULHO DE 2026

A nova era do investimento

01	EDITORIAL A nova era do investimento	P3
02	MACROECONOMIA E ESTRATÉGIA DE INVESTIMENTO Resiliência, riscos e subidas das taxas de juro	P4
03	EM FOCO Ormuz: lições para os transportes marítimos mundiais	P8
04	PERSPETIVAS DE MERCADO Despesas de capital em IA: vantagens do financiamento com capitais próprios	P10
05	MONITOR DE MERCADO Visão geral dos mercados seleccionados	P12
06	CONHEÇA A EQUIPA	P13
07	GLOSSÁRIO	P14
08	TERMO DE RESPONSABILIDADE	P15



Jérôme
VAN DER BRUGGEN
Chief Market Strategist

Estimada leitora, estimado leitor,

Durante anos, a narrativa dominante na macroeconomia girou em torno da estagnação secular: um mundo rico em ideias, mas pobre em investimento. Enquanto a inovação ganhava força, os investimentos de capital estagnaram, do que resultou um crescimento apático da produtividade, a qual, em algumas regiões, sofreu mesmo um retrocesso. Este paradoxo definiu o período subsequente à crise financeira global. Hoje, porém, a narrativa é diferente. Estamos a assistir a uma aceleração das despesas de capital a nível mundial, o que renova as perspectivas de uma recuperação sustentada da produtividade.

Qual o motivo para esta reviravolta? A resposta reside na convergência de forças poderosas que estão a redefinir os incentivos empresariais.

Em primeiro lugar, a vanguarda tecnológica, nomeadamente a inteligência artificial (IA), está a transformar a economia do investimento. A IA não só oferece vantagens em termos de automatização, mas também abre novas vias para o desenvolvimento de produtos e modelos de negócio. Para muitas empresas, é uma oportunidade para repensar os seus processos. As previsões relativas aos retornos dos investimentos em infraestruturas digitais, ecossistemas de dados e capacidades de computação registaram um significativo aumento. Neste contexto, adiar o investimento envolve um risco de obsolescência.

Em segundo lugar, o panorama geopolítico alterou o processo de tomada de decisões nas empresas. Desde a pandemia de COVID-19, as empresas têm sofrido choques repetidos, nomeadamente perturbações nas cadeias de abastecimento, tensões comerciais e o recurso crescente a instrumentos económicos como meio de pressão geopolítica. O resultado é uma maior ênfase na resiliência e na autonomia estratégica. A eficiência, desde há muito promovida através da otimização global, é agora ponderada numa perspectiva de segurança do abastecimento e de continuidade operacional. Esta mudança envolve, por natureza, maiores despesas de capital, dado que requer a realocização da produção, a duplicação de linhas de produção e o investimento em redes alternativas de logística e aprovisionamento.

Esta dinâmica é abordada no nosso artigo “Em Foco” (página 8), que analisa a resposta do setor dos transportes marítimos à situação no Estreito de Ormuz. As vulnerabilidades nos pontos de estrangulamento já não podem ser consideradas como riscos de cauda. Em vez disso, exigem medidas proativas de mitigação do

risco mediante o investimento em infraestruturas, por um lado, e a diversificação estratégica, por outro.

O financiamento desta vaga de despesas de capital constitui um aspeto crítico da nova era. Conforme analisado em “Perspetivas de Mercado” (página 10), cada vez mais empresas estão a recorrer aos mercados de capitais, em alternativa ao autofinanciamento ou ao endividamento. Esta tendência reflete a dimensão das necessidades de investimento.

Ao mesmo tempo, os bancos centrais continuam a ser um fator de estabilização. Desde 2022 que as suas intervenções são reveladoras de um claro compromisso com a estabilidade dos preços e a independência institucional e, face ao ressurgimento das pressões inflacionistas no corrente ano, mostraram-se preparados para agir de forma decisiva. Na nossa opinião, a credibilidade dos bancos centrais estabiliza as expectativas de inflação e ajuda a conter o risco de que a atual explosão dos investimentos se traduza por pressões sustentadas sobre os preços.

No seu conjunto, estes elementos apontam mais para uma mudança estrutural do que para uma recuperação cíclica. A combinação entre oportunidades tecnológicas, necessidades geopolíticas e adaptabilidade financeira está a impulsionar um ciclo de despesas de capital abrangente e duradouro. Ao contrário do que acontecia em décadas anteriores, o investimento já não é travado pela eventual diminuição da procura ou pela falta de confiança das empresas, sendo, agora, impulsionado por uma imperiosa necessidade de adaptação.

A nossa estratégia de investimento reflete esta nova realidade. Continuamos otimistas em relação às ações, uma vez que as empresas bem posicionadas para beneficiar desta onda de despesas de capital (e para aplicar eficazmente esse capital) deverão proporcionar rendimentos superiores. Ao mesmo tempo, este contexto complexo exige uma diversificação sólida em vários setores e regiões.

Após anos de hesitação, a economia mundial parece ter redescoberto o poder do investimento. Caso se mantenha, este ciclo de despesas de capital poderá marcar o início de uma nova era de crescimento da produtividade e o fim definitivo da narrativa de estagnação que, antes, parecia bem enraizada.

Esperamos que considere a edição deste mês interessante e esclarecedora.

Resiliência, riscos e subidas das taxas de juro



Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation



Bénédicte KUKLA
Chief Strategist

Apesar das incertezas em torno do preço do petróleo, os mercados têm registado ganhos constantes desde março, impulsionados pelas expectativas de um acordo de paz entre Trump e o Irão e pela reabertura do Estreito de Ormuz. Os sólidos resultados das empresas e a desaceleração da inflação após o choque energético justificam uma perspetiva positiva em relação aos mercados acionistas, incentivando os investidores a manterem as suas posições, sem se deixarem influenciar por flutuações pontuais. Entretanto, a firme postura do novo presidente da Reserva Federal (Fed) relativamente à inflação veio reforçar a confiança nas políticas monetárias num contexto de repetidos choques inflacionistas.

CENÁRIO MACROECONÓMICO

EUA: A DESAFIAR A GRAVIDADE, COM O CRESCIMENTO A RESISTIR ENQUANTO A INFLAÇÃO APERTA

A economia dos Estados Unidos continua robusta, razão pela qual mantemos inalteradas as nossas previsões de crescimento do produto interno bruto (PIB) de 2,1% para 2026 e de 2,0% para 2027, valores que passaram recentemente a merecer o consenso dos mercados. Dados recentes relativos ao primeiro e segundo trimestres confirmam uma dinâmica continuada da economia norte-americana, com o consumo sustentado pelos reembolsos fiscais e a antecipação da reposição dos stocks por parte das empresas face a possíveis perturbações nas cadeias de abastecimento. Estes fatores de apoio deverão dissipar-se, enquanto custos mais elevados com a energia deverão moderar para 1,5%-2% o crescimento do consumo nos próximos trimestres.

A inflação continua no centro das atenções. As previsões de inflação foram revistas em alta para 3,6% (+20 pontos base) em 2026 e para 2,4% (+10 pontos base) em 2027. Este facto reflete as recentes surpresas pela positiva, nomeadamente no setor do *software* e dos serviços relacionados com a inteligência artificial (IA). Entre os fatores inflacionistas de curto prazo contam-se as taxas aduaneiras, os investimentos na IA e a subida dos preços das matérias-primas, sobretudo por se prever que as cadeias de abastecimento do Médio Oriente levem algum tempo a normalizar-se.

Apesar destas pressões, a previsão continua a ser que, até 2027, a inflação dos EUA irá cair para a meta de 2% da Fed. Os preços da habitação continuam a descer, os indicadores salariais já não estão em aceleração e, em meados de junho, as expectativas de inflação a longo prazo mantêm-se estabilizadas em cerca de 2,3%. Após um período de melhoria, o mercado do trabalho deverá regressar ao seu normal, com os inquéritos aos consumidores a apontarem para um risco moderado de subida da taxa de desemprego, que se situa atualmente nos 4,1%.

Os mercados financeiros continuam a considerar uma maior probabilidade de um aumento das taxas de juro em 2026. No entanto, mantemos a nossa opinião de que a Fed irá baixar as taxas em 25 pontos base em 2027 (um adiamento em relação à nossa previsão anterior, que apontava para o segundo semestre de 2026), refletindo a normalização da inflação e a tendência das taxas de juro para um nível mais neutro da ordem dos 3,5%.

ZONA EURO: O BANCO CENTRAL EUROPEU NA CORDA BAMBA

No primeiro trimestre de 2026, a economia da zona euro contraiu-se 0,2% em variação trimestral, devido, principalmente, à queda de 12,1% do PIB da Irlanda, mas, também, a um declínio ainda que mais moderado da França (-0,1%), país que tem vindo a acusar os piores desempenhos da região. Esta situação justificou uma revisão em baixa (de 0,8% para 0,4%) da nossa previsão de crescimento médio na zona para 2026.

A volatilidade do PIB da Irlanda, resultante da acumulação dos stocks das multinacionais farmacêuticas nos EUA em antecipação das taxas aduaneiras norte-americanas em 2025, teve um impacto historicamente acentuado. De qualquer modo, a zona euro, no seu conjunto, demonstrou alguma resiliência. O consumo privado cresceu 0,2% em relação ao trimestre anterior (+0,5% no consumo público), enquanto as vendas a retalho de abril registaram uma variação homóloga de +1%. Em maio, as exportações cresceram 5% em variação homóloga, isto após quedas acentuadas nos três meses anteriores. Prevê-se que o investimento privado das empresas se revele mais resiliente do que o habitual, especialmente nos setores da defesa, da IA e da electrificação.

Os preços da energia estão a baixar e os stocks de gás natural da União Europeia deverão atingir os 80% até ao final do verão, o suficiente para garantir o abastecimento durante o inverno. Em maio, os preços no produtor subiram 4,9% em variação homóloga. Os preços no consumidor, por seu lado, subiram 3,2%, prevendo-se que atinjam um pico no quarto trimestre de 2026. Continua a existir o risco de um efeito inflacionista dos preços da energia nos preços dos produtos alimentares, especialmente se for tido em conta o potencial impacto do fenómeno Super El Niño. Neste contexto, o Banco Central Europeu (BCE), conforme previsto, aumentou as suas taxas em 25 pontos base, em junho, e é provável que o volte a fazer em julho, a menos que os preços do petróleo surpreendam com uma descida significativa.

ÁSIA: O BANCO DO JAPÃO QUEBRA O SILÊNCIO

A inflação na região asiática continuou a subir em maio, com várias economias a registarem agora valores acima do objetivo. Os bancos centrais da Coreia do Sul e da Nova Zelândia mantiveram as taxas inalteradas, mas adotaram um tom mais restritivo, enquanto, na Indonésia, as taxas subiam 100 pontos base para apoiar a rupia. Na China, o crescimento da atividade industrial e do comércio de retalho abrandou em abril, mas as exportações, reorientadas, mantiveram a sua dinâmica (aumento de 19% em variação homóloga no mês de maio). Os inquéritos apontam para uma estabilidade no setor industrial (em maio, o índice de gestores de compras situou-se nos 51,8 pontos) e para uma aceleração no setor dos serviços privados (de 52,6 para 54,4 pontos). No entanto, os preços no produtor na China estão a subir (+3,9% em variação homóloga), mas o impacto nos preços no consumidor continua a ser limitado (em maio, a taxa de inflação manteve-se inalterada em 1,2%). Por último, o Banco do Japão aumentou a sua taxa diretora em 25 pontos base, para 1% (o nível mais elevado desde 1995), em resposta a uma inflação de 2,7% em variação homóloga e a uma desvalorização do iene de quase 10% desde o início do ano. É provável que esta medida conduza a um maior aperto monetário na região asiática, o que corrobora a nossa previsão para o Japão em 2026, que se situa abaixo do consenso. No entanto, prevê-se que a região seja uma das principais beneficiárias da reabertura do Estreito de Ormuz e que continue a tirar partido da expansão e diversificação em curso das cadeias de abastecimento impulsionadas pela explosão da IA.



O BANCO DO JAPÃO sobe a sua taxa diretora para o NÍVEL MAIS ELEVADO DESDE 1995

QUADRO 1: PREVISÕES MACROECONÔMICAS 2025-2027,%

● Previsões em baixa desde a última edição

● Previsões em alta desde a última edição

	PIB %			INFLAÇÃO %		
	2025	2026	2027	2025	2026	2027
Estados Unidos	2,2%	2,1%	2,0%	2,7%	3,6%	2,4%
Zona euro	1,6%	0,4%	1,0%	2,1%	3,5%	2,4%
China	4,9%	4,6%	4,3%	0,2%	0,8%	1,3%
Japão	1,2%	0,5%	1,0%	3,2%	2,0%	2,3%

Fonte: Indosuez Wealth Management.



Jean-Marc TURIN, CFA
Head of Patrimonial Funds

CONVICÇÕES DE ALOCAÇÃO

Os mercados mantiveram a sua dinâmica de alta desde o final de março, na expectativa de um acordo de paz provisório entre o Presidente Trump e o Irão. A prevista reabertura do Estreito de Ormuz deverá reduzir a pressão sobre os preços do petróleo e a inflação, o que constitui uma boa notícia para a economia mundial. A combinação de um cenário macroeconómico favorável e de resultados muito sólidos das empresas justifica a nossa perspetiva positiva em relação às ações. No que respeita às taxas de juro, o novo presidente da Reserva Federal (Fed) aproveitou a sua primeira conferência de imprensa para deixar claro que o banco central não irá tolerar a inflação. Esta mensagem, mais agressiva do que se esperava, irá provavelmente dissipar algumas preocupações quanto à independência e credibilidade da Fed.

AÇÕES

Relativamente às ações, os mercados emergentes e os Estados Unidos lideraram as valorizações, impulsionados em grande parte pelo persistente entusiasmo em torno dos temas da inteligência artificial (IA) e dos semicondutores, com os ganhos cada vez mais concentrados num pequeno número de mega capitalizações. O Japão também registou um bom desempenho, enquanto a Europa ficou para trás. Os ótimos resultados obtidos no setor tecnológico, com destaque para os semicondutores, são sustentados pela combinação de uma procura sólida e da escassez da oferta, do que resultam aumentos significativos dos preços. Assim, apesar de alguns sinais de exuberância, esta evolução assenta em fundamentais sólidos. Será difícil determinar exatamente por quanto tempo se irá manter esta concentração, mas seria benéfico que, a dada altura, os desempenhos se diversificassem. A reabertura do Estreito de Ormuz, caso se confirme, poderá desencadear alguma rotação nos mercados de ações.

Nos EUA, os investidores particulares continuam a ser uma força fundamental de apoio aos mercados, conforme ilustrado pela recente oferta pública inicial (OPI) da SpaceX, em que cotações extremas não diminuíram o interesse dos investidores.

No início de junho, os mercados entraram num período de volatilidade devido às incertezas em torno do conflito com o Irão e à orientação da política monetária da Fed. À medida que as tensões geopolíticas iam diminuindo, os mercados recuperaram, mas este episódio serviu para nos lembrar da importância da diversificação.

Nos mercados emergentes, a concentração do mercado é ainda mais acentuada, com três ações a representarem 30% do índice. Existe uma grande diferença de comportamento entre os países. A Coreia está a registar um desempenho excepcional, graças às ações do setor das memórias, enquanto a China e a Índia perderam terreno desde o início do ano.

Desde o início do conflito que a Europa regista um pior desempenho, pelo que a reabertura do Estreito de Ormuz deverá ter um impacto positivo nesta região, que continua a ser muito sensível aos preços da energia. No entanto, as perspetivas de crescimento continuam a ser pouco animadoras e a recente subida das taxas de juro do Banco Central Europeu (BCE) em nada contribuirá para as melhorar.

De um modo geral, os EUA e os mercados emergentes continuam a ser as nossas regiões preferidas no que respeita às ações. É verdade que as cotações são mais elevadas nos EUA, mas, graças à IA, os lucros das empresas têm evoluído mais rapidamente do que as cotações, pelo que, desde o início do ano, estas se têm vindo a tornar mais atrativas. Os mercados emergentes oferecem uma combinação atrativa de nível de cotações e de grande crescimento dos lucros. No entanto, uma vez que o índice é cada vez mais dominado por ações de Taiwan e da Coreia, os mercados emergentes também representam uma oportunidade no domínio da IA. Neste contexto, a Europa continua a ser uma opção interessante em termos de diversificação das carteiras, dado que está claramente menos exposta a esse tema.



A DISCIPLINA e a PERMANÊNCIA NOS MERCADOS permitem resistir aos choques de curta duração

Uma vez mais, os eventos geopolíticos mostraram que apenas têm um impacto limitado e de curta duração nos mercados. Uma abordagem disciplinada e a permanência nos mercados têm sido uma decisão correta que continua a ser remunerada. Apesar dos episódios de volatilidade, é importante manter o rumo.

RENDIMENTO FIXO E MERCADOS DO CRÉDITO

Nos últimos meses, as taxas de juro têm estado sob pressão, devido ao aumento de inflação impulsionado pela subida dos preços da energia. Neste contexto, os mercados de obrigações têm-se caracterizado pela volatilidade e, nos últimos tempos, não têm contribuído significativamente para o desempenho das carteiras. Mantemos uma postura cautelosa em relação à dívida soberana e uma baixa sensibilidade às taxas de juro, devido às atuais incertezas orçamentais e à inflação fomentada pelos preços da energia. No entanto, a nossa perspetiva de base é que, provavelmente, a inflação já se encontra perto do seu pico. Portanto, se as nossas previsões se confirmarem, as taxas não deverão subir muito mais caso se confirme a reabertura do Estreito. Recentemente, tirámos partido da subida das taxas para proporcionar rendimentos atrativos às carteiras, mantendo, ao mesmo tempo, uma subponderação em termos de duração global.

Face a este cenário, o crédito com notação *investment grade* continua a ser o principal segmento que privilegiamos no mercado de rendimento fixo, uma vez que proporciona um *carry* atrativo, além de que os fundamentais das empresas permanecem relativamente sólidos. O segmento do *high yield* também justifica interesse, desde que no quadro de uma seleção criteriosa. Por último, a dívida dos mercados emergentes em moeda local continua a ser uma clara convicção, dado que as rendibilidades muito elevadas compensam a volatilidade cambial.

FOREX

O dólar norte-americano tem-se apreciado nos últimos meses, mantendo o seu estatuto de moeda de refúgio, mas, à medida que ressurgem o apetite pelo risco, volta a dar sinais de fraqueza. As previsões de médio prazo continuam a apontar para uma descida gradual, com uma meta para o câmbio EUR/USD de 1,23 até ao final de 2026. À medida que os mercados acionistas se vão estabilizando e que os preços da energia se vão moderando, é provável que o dólar venha a enfrentar uma nova pressão descendente, fomentada por bancos centrais de todo o mundo e por investidores que procuram diversificar os seus investimentos. O ouro continua a ser apoiado por fatores estruturais (diversificação dos bancos centrais, riscos geopolíticos e elevado nível de endividamento das economias desenvolvidas) apesar das intermitentes tomadas de mais-valias por parte de alguns bancos centrais de mercados emergentes.

CONVICÇÕES FUNDAMENTAIS – POSIÇÃO TÁTICA

● 13.05.2026

	-	-/=	=	+/=	+
AÇÕES					
Europa		●		●	
Estados Unidos				●	
Japão		●			
Mercados emergentes				●	
PREFERÊNCIAS DE ESTILO					
Pequenas capitalizações Estados Unidos				●	
Value Europa				●	
OBRIGAÇÕES					
Títulos financeiros (EUR)	●				
Investment grade (EUR)				●	
High yield (EUR)			●		
Títulos financeiros (USD)		●			
Investment grade (USD)			●		
High yield (USD)			●		
Mercados emergentes (moedas locais)					●
USD VS. EUR	●				
YEN				●	
OURO					●

Fonte: Indosuez Wealth Management.

Ormuz: lições para os transportes marítimos mundiais



Hugo CORDUAN
Investment Advisor



Sebastien VAN
PETEGHEM
Investment Advisor

Enquanto as negociações prosseguirem ao longo dos próximos meses, os mercados continuarão atentos à questão de saber se o Estreito de Ormuz será totalmente reaberto ou se permanecerá sujeito a restrições parciais. Mais importante ainda, este episódio evidencia lições fundamentais para os transportes marítimos mundiais. A geopolítica tornou-se uma variável central (e um fator inflacionista cada vez mais importante), enquanto a autonomia estratégica se está a converter num motor de investimento cada vez mais relevante.

CINCO LIÇÕES QUE VÃO TRANSFIGURAR OS TRANSPORTES MARÍTIMOS MUNDIAIS

Os transportes marítimos continuam a ser a espinha dorsal da economia mundial. Cerca de 90% do comércio mundial em volume tem lugar por via marítima. Só em 2024, foram transportadas 12,7 mil milhões de toneladas de mercadorias pelos oceanos de todo o mundo. No entanto, os transportes marítimos só raramente são motivo de atenção e apenas quando surgem perturbações. A questão do Estreito de Ormuz recordou aos investidores que os transportes marítimos não se limitam à simples logística. São um mecanismo fundamental que envolve geopolítica, inflação e crescimento económico.

A primeira lição é que a geografia continua a ser importante. O comércio mundial não circula livremente pelos oceanos. Atravessa vários pontos de estrangulamento estratégicos, tais como o Estreito de Ormuz, o Estreito de Malaca, o Estreito de Taiwan, o Canal do Suez e o Canal do Panamá (gráfico 1, página 9). Estas passagens estreitas são artérias do comércio mundial.

A importância de Ormuz reside não apenas no volume de comércio que por aí transita, mas também na ausência de alternativas. Os navios podem contornar o Canal do Suez navegando à volta do Cabo da Boa Esperança, mas, na prática, não existe qualquer alternativa marítima ao Estreito de Ormuz para as exportações do Golfo. Esta vulnerabilidade faz-se sentir muito para além do Médio Oriente. Pelo Estreito de Taiwan transita cerca de 41% do comércio marítimo da China, enquanto o Estreito de Malaca dá passagem a cerca de um quarto do comércio marítimo mundial, além de que continua a ser o principal corredor energético de grande parte da Ásia. Segundo um relatório de 2025 da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), o custo estimado das potenciais perturbações nos pontos de estrangulamento a nível mundial resultantes de fatores

geopolíticos ou de riscos climáticos ascende a 192 mil milhões de dólares norte-americanos por ano. Os investidores irão, cada vez mais, ver estes pontos de estrangulamento como infraestruturas de importância crítica para a economia global.

A segunda lição é que as tarifas de frete poderão permanecer estruturalmente mais elevadas do que muitos preveem. Um dos conceitos mais importantes no setor dos transportes marítimos é a procura em toneladas-milha. A procura de transporte de mercadorias envolve não apenas o volume da carga a transportar, mas também a distância a percorrer.

Esta distinção tem vindo a tornar-se cada vez mais importante. Em 2024, o volume do comércio marítimo mundial aumentou cerca de 2%, mas a procura em toneladas-milha cresceu quase 6%. O motivo é simples. Os navios estão a percorrer rotas mais longas. As distâncias médias de viagem aumentaram de cerca de 9.000 quilómetros em 2018 para os quase 10.000 quilómetros atuais. Cada dia adicional passado no mar reduz a disponibilidade de navios noutros locais, o que, na prática, restringe a oferta. Conforme ilustrado pelas recentes perturbações, a capacidade de transporte marítimo pode tornar-se escassa, mesmo num quadro de contínua expansão da frota global.

A terceira lição respeita aos seguros.

Historicamente, o seguro contra riscos de guerra representava uma componente relativamente pequena e previsível dos custos com o transporte marítimo. Este pressuposto já não é verdadeiro. A sucessão de perturbações no Mar Negro, no Mar Vermelho e, agora, no Golfo veio alterar profundamente a perceção dos riscos marítimos. Os prémios de seguro podem aumentar drasticamente em poucos dias, a cobertura pode ser restringida e rotas vistas como comercialmente viáveis podem, subitamente, deixar de ser rentáveis. Após um grande choque geopolítico, mesmo que as tensões diminuam, os mercados dos seguros só raramente regressam em pleno às condições anteriores. Portanto, é provável que o custo de garantir a



A era da
**GLOBALIZAÇÃO
SEM ATRITOS**
chegou ao fim

segurança do comércio global se mantenha estruturalmente mais elevado do que anteriormente, o que constitui mais um fator inflacionista ao longo das cadeias de abastecimento.

A quarta lição é que os stocks e a redundância voltaram a assumir um valor estratégico. Durante décadas, as cadeias de abastecimento globais foram concebidas com base na eficiência e nas entregas *just-in-time*. A pandemia revelou a fragilidade deste modelo e a questão do Estreito de Ormuz veio reforçar a mensagem. Tanto os governos como as empresas reconhecem, cada vez mais, a importância de manter maiores *stocks* de energia, matérias-primas industriais e componentes essenciais. A mesma lógica aplica-se ao próprio transporte. A capacidade da frota de contentores cresceu cerca de 10% entre 2024 e 2025, enquanto a procura subjacente do comércio aumentou apenas cerca de 5%. Em teoria, isto sugere um excesso de capacidade. Na verdade, as recentes perturbações demonstraram que a capacidade de reserva é, muitas vezes, o que impede que as cadeias de abastecimento entrem em colapso quando as rotas se alongam ou os pontos de estrangulamento ficam inacessíveis. Uma aparente ineficácia em condições normais pode revelar-se inestimável durante períodos de tensão geopolítica.

A última lição é que a geopolítica se tornou uma variável fundamental para o setor dos transportes marítimos e um fator inflacionista cada vez mais importante. Até aqui, os fatores subjacentes aos mercados do transporte de mercadorias eram,

principalmente, o crescimento das trocas comerciais, os custos dos combustíveis e a oferta de capacidade de transporte. Atualmente, estes três fatores são influenciados pelos desenvolvimentos geopolíticos. Os ataques no Mar Vermelho, as restrições relacionadas com a seca no Canal do Panamá, as tensões em torno de Taiwan, o regresso das taxas aduaneiras e a crise do Estreito de Ormuz apontam para a mesma conclusão, ou seja, o fim da globalização sem atritos.

IMPLICAÇÕES EM TERMOS DE INVESTIMENTO

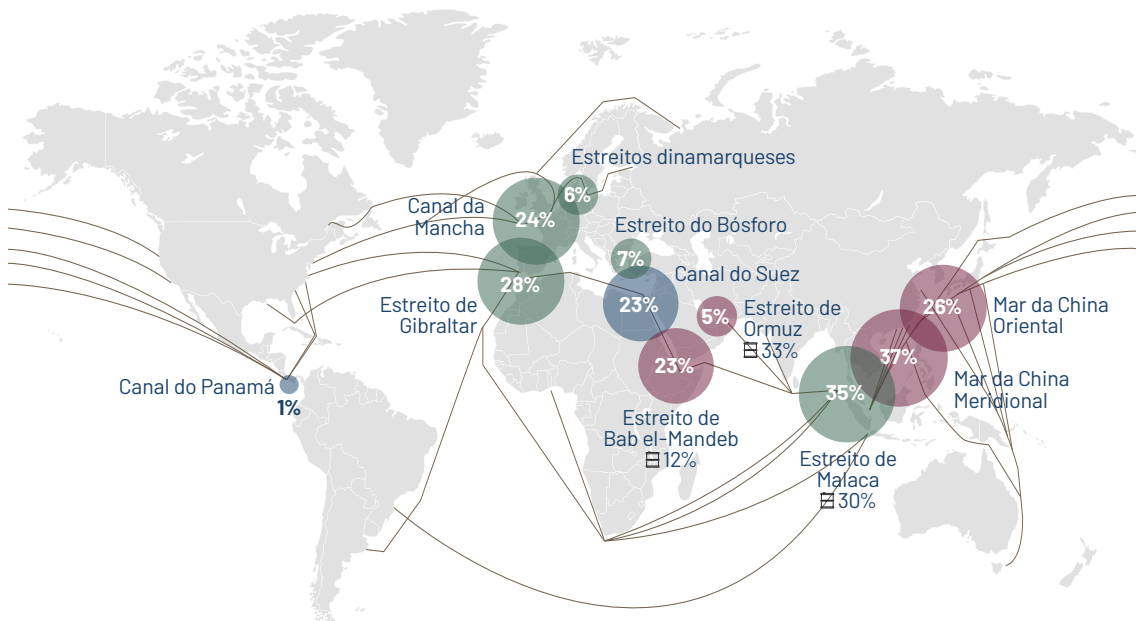
Para os investidores, os riscos de inflação são agora mais assimétricos. Se bem que a globalização e a eficiência das cadeias de abastecimento tenham, no passado, mantido os preços baixos, a atual fragmentação geopolítica, as barreiras comerciais e as perturbações no abastecimento estão a tornar a inflação mais volátil. A lição de Ormuz é clara. Os transportes marítimos são a base do comércio mundial e os riscos marítimos têm agora implicações económicas mais amplas. À medida que a resiliência substitui a eficiência nas cadeias de abastecimento globais, por meio de *stocks* mais volumosos, rotas diversificadas e maior segurança energética, os custos vão aumentando, conduzindo a um mundo com uma inflação menos previsível e, potencialmente, mais elevada. Em resposta à situação no Estreito de Ormuz, o investimento em infraestruturas está a tornar-se cada vez mais atrativo a nível mundial, não apenas pelos ganhos na frente económica, mas também como forma de reforçar a autonomia estratégica.

GRÁFICO 1: ATUAIS RISCOS GEOPOLÍTICOS E CLIMÁTICOS PARA O COMÉRCIO MUNDIAL

● Pontos de estrangulamento ● Risco geopolítico ● Risco climático — Rotas marítimas

% Quota de mercadorias expedidas por 'peso'. A soma das percentagens ultrapassa os 100% devido ao facto de os navios atravessarem mais do que um ponto de estrangulamento.

☒ % Quota de petróleo comercializado por via marítima



Fontes: Global Guardian (2026), Indosuez Wealth Management.

Despesas de capital em IA: vantagens do financiamento com capitais próprios



Jérôme
VAN DER BRUGGEN
Chief Market Strategist

Uma nova vaga de ofertas públicas iniciais (OPI), com um valor estimado em 2026 de cerca de 225 mil milhões de dólares, a par do aumento de alienações de participações nos Estados Unidos, veio reavivar um velho receio. Será que a nova oferta de ações é um sinal de que o mercado em alta está a dar sinais de esgotamento? Daqui emergem duas questões fundamentais. Será que o movimento de redução da oferta de ações no mercado está a chegar ao fim e que a explosão do investimento irá gerar rendimentos adequados?

O contexto subjacente ao aumento das emissões de ações é o ciclo global de despesas de capital. Segundo a Pimco, as despesas de capital acumuladas ao longo de cinco anos deverão ser da ordem dos 14 biliões de dólares, mais de metade dos quais destinados a infraestruturas. Uma significativa quota-parte refere-se a investimentos fomentados pela inteligência artificial (IA), nomeadamente centros de dados, semicondutores e sistemas energéticos que sustentam a infraestrutura digital.

Até 2024, os *hyperscalers* recorreram, em grande parte, ao autofinanciamento para financiar esta expansão. Em 2025, no entanto, a dimensão e a aceleração das necessidades de investimento levaram-nos a recorrer aos mercados da dívida. Agora, em 2026, as emissões de ações, através de ofertas públicas iniciais e ofertas subsequentes estão a tornar-se uma via de financiamento com uma crescente importância. Esta evolução suscitou preocupações entre os investidores, habituados que estavam a uma década de redução da oferta líquida de ações.

SERÁ O FIM DA REDUÇÃO DA OFERTA DE AÇÕES NO MERCADO?

A primeira questão que se coloca é saber se o ressurgimento das emissões de ações marca o fim de um grande apoio estrutural aos mercados de ações. Conforme ilustrado no gráfico 2 (página 11), a oferta líquida de capital próprio tem vindo a diminuir de forma consistente desde 2005, uma vez que as recompras de ações, os dividendos e as fusões e aquisições (M&A) têm excedido as emissões em cerca de 1,2% ao ano. A redução no número de ações disponíveis no mercado aumentou significativamente a rentabilidade das mesmas ao fazer crescer os lucros por ação (EPS).

À primeira vista, a reabertura dos mercados de capitais poderia sugerir que esta era está a chegar ao fim. No entanto, os dados não corroboram esta conclusão. Os observadores de mercado preveem que, em 2026, as

recompras de ações ascendam a aproximadamente 1,2 biliões de dólares, valor que ultrapassa largamente os 225 mil milhões previstos em ofertas públicas iniciais. É de salientar que cerca de um quarto do volume total de recompras já tinha tido lugar no final da época de divulgação dos resultados do primeiro trimestre, o que aponta para uma geração contínua de recursos financeiros excedentários. Este desequilíbrio implica que a oferta líquida de ações nos mercados deverá permanecer negativa. Por outras palavras, embora o volume de emissões esteja a aumentar, esse aumento está a ser mais do que compensado pela persistência das recompras. Deste modo, mantém-se o apoio estrutural resultante da redução da oferta de ações no mercado, embora este apoio seja ligeiramente menos significativo do que no seu auge. Mais do que uma inversão de tendência, estamos a assistir a uma normalização num contexto ainda favorável aos mercados de ações.

IRÁ ESTA VAGA DE INVESTIMENTOS GERAR RENDIMENTOS ADEQUADOS?

A segunda e, possivelmente, mais importante questão reside em saber se este ciclo de investimento sem precedentes acabará por se revelar criador de valor.

Vários fatores sugerem que a resposta é afirmativa. Em primeiro lugar, a procura final parece ser sólida e estar em expansão. A comercialização dos grandes modelos de linguagem (LLM) está a avançar a um ritmo sem paralelo relativamente a revoluções tecnológicas anteriores. A monetização está a desenvolver-se muito mais rapidamente do que no caso de inovações anteriores, como a Internet ou a computação em nuvem.

Um exemplo notável é a Anthropic, cujas receitas deverão ter aumentado dezoito vezes entre junho de 2025 e junho de 2026, atingindo aproximadamente 58 mil milhões de dólares, pouco menos do dobro das receitas da ASML, um dos intervenientes mais consolidados no ecossistema dos semicondutores. Este crescimento acelerado é revelador da clara disposição dos

Despesas de capital em IA: vantagens do financiamento com capitais próprios



As **INFRAESTRUTURAS DE IA** representam agora uma **TERÇA PARTE** do valor da **REDE ELÉTRICA DOS EUA**

clientes para pagar por estes serviços e de uma adoção cada vez mais generalizada por parte de empresas e consumidores.

Em segundo lugar, os receios quanto ao excesso de capacidade parecem ser prematuros. Calculamos que o valor de substituição das infraestruturas de dados nos EUA associadas à IA ascenda atualmente a cerca de 2 biliões de dólares¹. A título de comparação, o custo de substituição da infraestrutura elétrica dos EUA está estimado em cerca de 6 biliões de dólares². Por outras palavras, a base instalada de infraestruturas de IA corresponde apenas a cerca de uma terça parte do sistema elétrico em que se integra. Mais do que um excesso, isto sublinha o potencial de crescimento em paralelo de ambos os ecossistemas, ou seja, a expansão das capacidades digitais a par de um desenvolvimento proporcional das infraestruturas energéticas, com ampla margem para um crescimento conjunto.

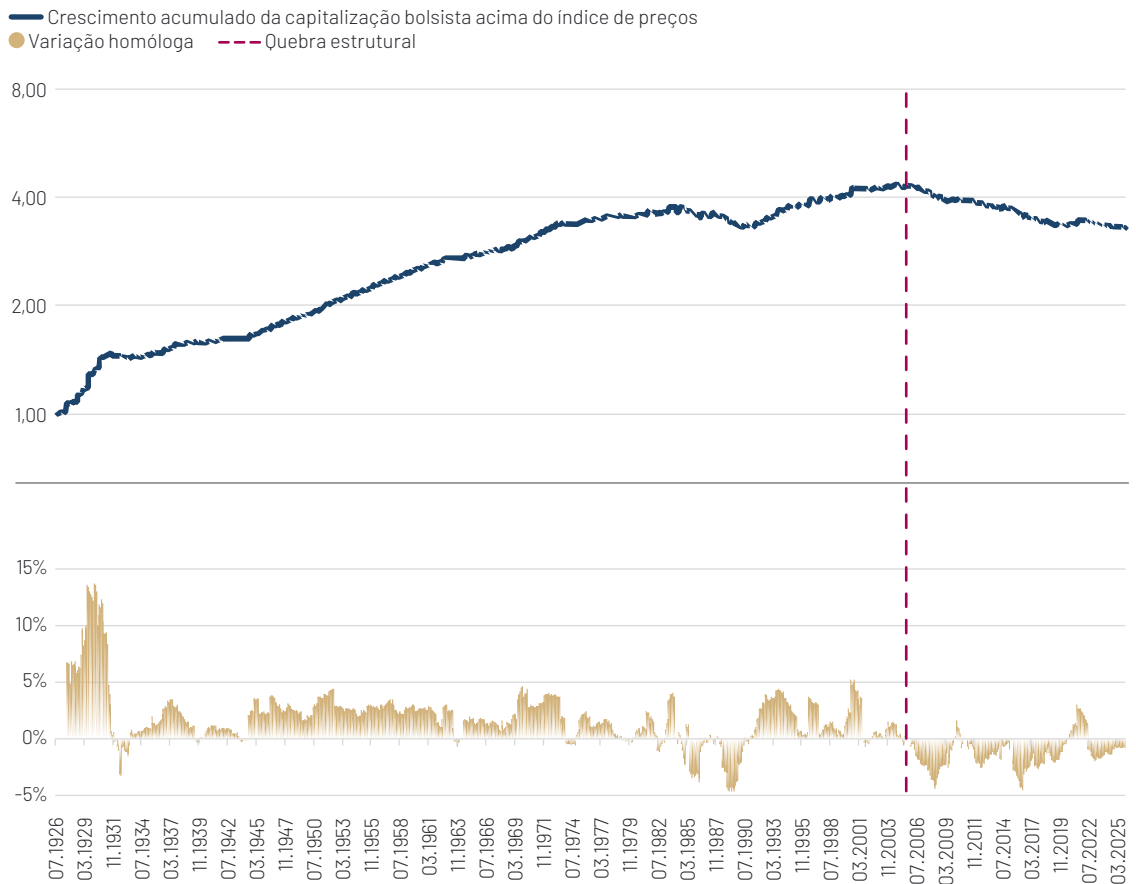
Um terceiro efeito, muitas vezes ignorado, da vaga de ofertas públicas iniciais é a reciclagem de capital. A emissão de ações não se limita a financiar novos investimentos, já que também liberta capitais há muito imobilizados em empresas não cotadas. Os

fundadores, os primeiros colaboradores e os investidores de capital de risco convertem participações ilíquidas em ativos negociáveis, materializando riqueza que pode ser, depois, reaplicada. Historicamente, estes episódios não têm conduzido a uma saída dos mercados, mas, antes, a uma reafetação dentro dos mesmos, ou seja, os valores obtidos são reinvestidos em ações cotadas, novos empreendimentos e ativos financeiros.

Em conjunto, estes elementos sugerem que o atual ciclo de despesas de capital não constitui um excesso especulativo, mas sim uma resposta racional a uma procura estrutural. As empresas estão a investir de forma agressiva porque os incentivos económicos são fortes e cada vez mais visíveis.

O ressurgimento das ofertas públicas iniciais e das emissões subsequentes reflete a dimensão das atuais oportunidades de investimento, mais do que um sinal de alerta de fim de ciclo. A redução da oferta de ações nos mercados mantém-se inalterada, apoiada por uma atividade dominante de recompra de ações, enquanto a explosão das despesas de capital é sustentada pela procura, pelas necessidades de infraestruturas e pela reciclagem de capitais.

GRÁFICO 2: MERCADOS DE AÇÕES NOS EUA – ÍNDICE DE EMISSÃO LÍQUIDA DE AÇÕES



Fontes: Kenneth R. French – Data Library, Indosuez Wealth Management.

¹ A estimativa resulta da soma dos investimentos acumulados realizados em 2024 (260 mil milhões de dólares) e 2025 (450 mil milhões de dólares), corrigidos pela inflação, mais os investimentos previstos para 2026 (800 mil milhões de dólares). Os valores foram retirados das publicações de resultados das empresas e consolidados pela Morgan Stanley.

² A estimativa assenta no valor de 4,8 biliões de dólares, corrigido pela inflação, estimado por Joshua D. Rhodes e citado pelo Edison Electric Institute em 2017, por ocasião dos debates em torno do projeto de lei dos EUA sobre despesas em infraestruturas.

DADOS A 18.06.2026

TÍTULOS DA DÍVIDA PÚBLICA	RENDIMENTO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS (PB)	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL (PB)
Títulos do Tesouro dos EUA de 10 anos	4,45%	-11,63	28,63
França 10 anos	3,68%	-4,90	11,50
Alemanha 10 anos	2,93%	-17,00	7,40
Espanha 10 anos	3,35%	-18,20	6,20
Suíça 10 anos	0,35%	-25,00	2,70
Japão 10 anos	2,61%	-15,30	54,90

TÍTULOS	ÚLTIMO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
Títulos da Dívida Pública de Mercados Emergentes (ME)	42,42	1,65%	2,04%
Títulos da Dívida Pública em EUR	215,21	0,89%	0,61%
High yield em EUR Corporativo	245,68	0,91%	1,43%
High yield em USD Corporativo	400,30	0,69%	1,73%
Títulos da Dívida Pública dos EUA	336,06	0,30%	0,01%
ME Corporativos	45,74	0,48%	-0,28%

MOEDAS	ÚLTIMO SPOT	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
EUR/CHF	0,9215	0,84%	-0,99%
GBP/USD	1,3206	-1,68%	-2,00%
USD/CHF	0,8047	2,29%	1,53%
EUR/USD	1,1458	-1,39%	-2,45%
USD/JPY	161,38	1,51%	2,98%

ÍNDICE DE VOLATILIDADE	ÚLTIMO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
VIX	16,40	-0,36	1,45

ÍNDICES DE AÇÕES	ÚLTIMO PREÇO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
S&P 500 (EU)	7.500,58	0,74%	9,57%
FTSE 100 (Reino Unido)	10.399,70	-0,42%	4,72%
STOXX Europe 600	637,14	2,67%	7,59%
Topix	4.068,18	5,56%	19,34%
MSCI World	4.834,43	1,19%	9,12%
Shanghai SE Composite	4.941,60	3,31%	6,73%
MSCI Emerging Markets	1.790,05	6,84%	27,46%
MSCI Latam (América Latina)	2.966,10	-3,40%	9,48%
MSCI EMEA (Europa, Oriente Médio, África)	270,73	3,21%	4,44%
MSCI Asia Ex Japan	1.188,21	7,30%	30,08%
CAC 40 (França)	8.467,98	4,72%	3,91%
DAX (Alemanha)	25.026,80	1,71%	2,19%
MIB (Itália)	52.688,22	7,16%	17,23%
IBEX (Espanha)	19.404,10	7,95%	12,11%
SMI (Suíça)	13.765,83	2,38%	3,76%

COMMODITIES	ÚLTIMO PREÇO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
Barra de Aço (CNY/Tm)	3.171,00	0,63%	2,13%
Ouro (USD/Onça)	4.209,97	-7,33%	-2,53%
Petróleo bruto WTI (USD/Barril)	76,60	-20,50%	33,40%
Prata (USD/Onça)	66,32	-13,21%	-6,07%
Cobre (USD/Tm)	13.690,50	1,29%	10,20%
Gás natural (USD/MMBtu)	3,23	7,12%	-12,29%

Fontes: Bloomberg, Indosuez Wealth Management.
O desempenho passado não garante o desempenho futuro.

RETORNOS MENSAIS SOBRE INVESTIMENTO, EXCLUÍDO DIVIDENDOS

● FTSE 100 ● Topix ● MSCI World ● MSCI EMEA ● MSCI Emerging Markets
● STOXX 600 ● S&P 500 ● Shanghai SE Composite ● MSCI Latam ● MSCI Asia Ex Japan

MARÇO 2026	ABRIL 2026	MAIO 2026	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ACUMULADO ANUAL (18.06.2026)
-1,66%	16,19%	11,04%	7,30%	30,08%
-3,72%	14,53%	9,50%	6,84%	27,46%
-4,76%	10,42%	6,17%	5,56%	19,34%
-4,89%	9,45%	5,15%	3,31%	9,57%
-5,30%	8,03%	4,37%	3,21%	9,48%
-5,57%	6,56%	2,41%	2,67%	9,12%
-6,30%	4,83%	1,76%	1,19%	7,59%
-6,67%	3,36%	0,98%	0,74%	6,73%
-7,61%	2,82%	0,29%	-0,42%	4,72%
-9,43%	1,99%	-4,67%	-3,40%	4,44%

Fontes: Bloomberg, Indosuez Wealth Management.
O desempenho passado não garante o desempenho futuro.

MELHOR DESEMPENHO



PIOR DESEMPENHO



Conheça a equipa editorial internacional da Indosuez Wealth Management, dedicada a transmitir com precisão e eficácia as estratégias de investimento elaboradas pelos nossos especialistas em todo o mundo, com o objetivo de garantir aos nossos clientes um serviço de excelência.

**Delphine
DI PIZIO TIGER**
Deputy Global Head of
Investment Management

**Alexandre
DRABOWICZ, CAIA**
Global Chief
Investment Officer

**Jérôme
VAN DER BRUGGEN**
Chief Market Strategist

Bénédicte KUKLA
Chief Strategist

Lucas MERIC
Cross Asset Strategist

Francis TAN
Chief Strategist Asia

Alexandre GAUTHY
Senior Cross-Assets Manager /
Market Forex Strategist

Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation

Jean-Marc TURIN, CFA
Head of Patrimonial Funds

Adrien ROURE
Multi-Asset Portfolio Manager

Mafalda DOS SANTOS
Global Head of
Content Marketing

Blockchain: Tecnologia de armazenamento e transmissão de informação, sob a forma de uma base de dados que tem a particularidade de ser partilhada simultaneamente com todos os seus utilizadores, e que geralmente não depende de nenhum órgão central.

BLS: Bureau of Labor Statistics.

Bottom-up (em inglês, cujo significado é "ascendente"): Análises, ou estratégias de investimento, que se concentram em especificidades e contas corporativas individuais, em oposição à análise *top-down* (descendente) que se concentra em agregados macroeconómicos.

Brent: Um tipo de petróleo bruto doce, frequentemente usado como referência para o preço do petróleo bruto na Europa.

Cíclico: Cíclico é um estilo que se refere a empresas dependentes das mudanças na economia de forma geral. Essas ações representam empresas cujos lucros estarão mais altos quando a economia estiver prosperando.

Defensivo: Defensivo é um estilo que se refere a empresas mais ou menos imunes às alterações das condições económicas.

Deflação: A deflação é o oposto da inflação. Ao contrário desta, a deflação se caracteriza por uma queda duradoura e autossustentável do nível geral de preços.

Duração: Reflete a sensibilidade de um título ou fundo de títulos a alterações nas taxas de juro; expressa em anos. Quanto maior a duração de um título, mais seu preço é sensível a quaisquer alterações nas taxas de juro.

EBIT (Earnings Before Interests and Taxes): Refere-se aos lucros gerados antes de quaisquer juros financeiros e impostos serem levados em conta. Pega os lucros e subtrai as despesas operacionais e, portanto, também corresponde a "lucro operacional".

EBITDA (Earnings Before Interests, Taxes, Depreciation and Amortisation): O EBITDA leva em conta o lucro líquido e acrescenta juros, impostos e depreciação. Ele é usado para medir a lucratividade operacional de uma empresa antes de despesas não operacionais e encargos não monetários.

ESG: Ambiental, social e governamental.

Estagnação: Se refere a uma economia que passa simultaneamente por um aumento da inflação e uma estagnação na produção económica.

FDIC: A Federal Deposit Insurance Corporation (Corporação Federal de Seguro de Depósitos) é uma agência governamental independente dos EUA que assegura os depósitos de particulares em bancos e outras instituições financeiras até 250.000 dólares em caso de falência.

Fed: Reserva Federal dos EUA, ou seja, o banco central dos Estados Unidos.

FMI: O Fundo Monetário Internacional.

FOMC (Federal Open Market Committee): É o órgão de política monetária do Federal Reserve dos EUA.

Growth: Estilo *Growth* refere-se a empresas com expectativas de crescimento de vendas e de resultados a um ritmo mais acelerado do que a média de mercado. Dessa forma, ações *Growth* geralmente se caracterizam por uma valorização mais alta do que a do conjunto do mercado.

Índice de surpresas económicas: Especifica o nível de desempenho superior dos dados macroeconómicos publicados em relação às expectativas dos previsores (consenso).

Índice dos gerentes de compras: PMI - Purchasing Manager Index em Inglês.

IPC (índice de preços ao consumidor): Permite estimar, entre dois dados períodos, a variação do preço médio dos bens e serviços consumidos pelas famílias. É usado como medida de inflação.

ISM: Sigla para Institute for Supply Management (Instituto de Gestão de Suprimentos, em português).

Lei GENIUS: Acrónimo de *Guiding and Establishing National Innovation for US Stablecoins*, é uma lei federal dos Estados Unidos, aprovada em julho de 2025, que cria um quadro regulamentar para as *stablecoins*, criptomoedas cujo valor é apoiado por uma moeda fiduciária como o dólar americano.

LPA (Earnings per share): Lucro por ação.

Nearshoring: A OCDE define regionalização ou *nearshoring* como a decisão de relocar atividades anteriormente deslocalizadas, não necessariamente no país de origem da empresa, mas num país geograficamente próximo.

Notações: As notações das obrigações variam geralmente entre AAA (qualidade mais elevada) e C (qualidade mais baixa), por ordem decrescente: AAA - AA - A - BBB - BB - B - CCC - CC - C.

Obrigações de alto rendimento: As obrigações de alto rendimento (*high yield*) têm uma qualidade inferior à das obrigações *investment grade*, mas, tal como estas últimas, são, na sua maior parte, objeto da notação de uma agência especializada.

OCDE: Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico.

"One Big Beautiful Bill Act" (em português Grande e Bela Lei): É o nome dado a um amplo projeto de lei de reconciliação orçamentária aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos e sancionado pelo Presidente Trump em 4 de julho de 2025. Trata-se de uma grande e complexa legislação que inclui numerosas disposições que afetam vários aspectos da vida americana, incluindo impostos, assistência médica, política energética e muito mais.

OMC: Organização Mundial do Comércio.

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo; 14 membros.

OPEP+: OPEP mais 10 países adicionais, a saber, Rússia, México e Cazaquistão.

PIB (produto interno bruto): O PIB mede a produção anual de bens e serviços de um país pelos operadores que residem no território nacional.

Ponto base (pb): 1 ponto base = 0,01%.

Ponto de equilíbrio da inflação (ou "inflation breakeven" em inglês): Nível de inflação que equilibra os rendimentos de títulos nominais e títulos indexados à inflação (de vencimento e qualidade idênticas). Em outras palavras, é o nível de inflação no qual, para um investidor, tanto faz possuir um título nominal como um título indexado à inflação. Assim, representa as expectativas de inflação, em uma área geográfica, para um determinado prazo de vencimento.

Poder de precificação: Expressão que designa a capacidade, de uma empresa ou marca, para aumentar seus preços, sem que isso afete a demanda por seus produtos.

Qualidade: Ações de Qualidade referem-se a empresas com lucros mais altos e mais confiáveis, endividamento baixo e outras medidas de rendimentos estáveis e de forte governança. Características comuns das ações de Qualidade são o alto retorno ao patrimônio líquido, a variabilidade da dívida em relação ao patrimônio líquido e a variabilidade dos rendimentos.

Quantitative easing (QE): Um instrumento de política monetária pelo qual o banco central adquire ativos como títulos, a fim de injetar liquidez na economia.

SAFE ("Security Action For Europe"): programa europeu de 150 mil milhões de euros destinado a facilitar a aquisição conjunta de armas pelos Estados-Membros da UE. Faz parte de um plano mais vasto de rearmamento do continente apresentado pela Comissão Europeia e que tem por objetivo mobilizar até 800 mil milhões de euros.

SEC (Securities and Exchange Commission): A SEC é uma agência federal independente com responsabilidade pelo funcionamento ordenado dos mercados de valores mobiliários dos EUA.

Spread (ou spread de crédito): Um *spread* é a diferença entre dois ativos, tipicamente entre taxas de juro, como aquelas de títulos corporativos sobre um título do governo.

SRI: Investimentos Sustentáveis e Responsáveis.

Taxa de swap a termo de cinco anos sobre cinco anos: Métrica de mercado que mede a expectativa de inflação anual média num período de cinco anos a partir de cinco anos no futuro. Dá uma ideia de como as expectativas de inflação podem mudar no futuro.

Value: Estilo *Value* refere-se a empresas que parecem ser negociadas a um preço mais baixo em relação a seus fundamentos. Características comuns das ações *Value* incluem alto rendimento de dividendos, relação baixa de preço sobre o valor patrimonial e relação baixa de preço sobre lucro.

VIX: O índice da volatilidade implícita do índice S&P 500. Mede as expectativas dos operadores de bolsa de 30 dias de volatilidade, com base em opções de índice.

Este documento intitulado "Monthly House View" (a "brochura") é publicado apenas para fins de comunicação de marketing.

Os idiomas em que é redigida fazem parte dos idiomas de trabalho da Indosuez Wealth Management.

As informações publicadas nesta brochura não foram revisadas, nem estão sujeitas à aprovação ou autorização de qualquer autoridade reguladora ou de mercado, em qualquer jurisdição.

A brochura não é destinada a pessoas de nenhum país em particular.

A brochura não se destina a pessoas que são cidadãos, domiciliadas ou residentes em um país ou jurisdição onde sua distribuição, publicação, disponibilidade ou uso possam violar as leis ou regulamentos em vigor.

Este documento não constitui ou contém uma oferta ou convite para comprar ou vender qualquer instrumento financeiro e/ou serviço de qualquer natureza. Da mesma forma, ele não constitui, de forma alguma, uma estratégia, recomendação ou assessoria de investimento ou desinvestimento, geral ou personalizada, assessoria jurídica ou fiscal, assessoria de auditoria ou qualquer outra assessoria de natureza profissional. Nenhuma representação é feita quanto à adequação ou adequabilidade de qualquer investimento ou estratégia em relação a circunstâncias individuais, ou de que qualquer investimento ou estratégia constitui assessoria de investimento personalizada para qualquer investidor.

A data relevante neste documento é, salvo indicação em contrário, a data de edição mencionada na última página deste termo. As informações nele contidas são baseadas em fontes consideradas fidedignas. Envidaremos todos os esforços para garantir a pontualidade, precisão e abrangência das informações contidas neste documento. Todas as informações, bem como o preço, as avaliações de mercado e os cálculos aqui indicados estão sujeitos a alteração sem aviso prévio. Os preços e desempenhos passados não são necessariamente um guia para os preços e desempenhos futuros.

Os riscos incluem, entre outros, riscos políticos, riscos de crédito, riscos cambiais, riscos econômicos e riscos de mercado. Antes de realizar qualquer transação, deve consultar seu consultor de investimento e, quando necessário, obter assessoria profissional independente relativamente aos riscos, bem como a todas as consequências jurídicas, regulamentares, de crédito, tributárias e contábeis. É aconselhável entrar em contato com seus consultores usuais para tomar suas decisões de forma independente considerando sua situação financeira particular e seu conhecimento e experiência.

As taxas de câmbio em moeda estrangeira podem afetar adversamente o valor, preço ou receita do investimento, quando este é realizado e convertido de volta para a moeda base do investidor.

CA Indosuez, sociedade francesa, holding do negócio de gestão de fortunas do grupo Crédit Agricole e suas subsidiárias ou entidades relacionadas, nomeadamente CA Indosuez (Switzerland) SA, CA Indosuez Wealth (Europe), CFM Indosuez Wealth, suas respectivas subsidiárias, filiais e escritórios de representação, onde quer que estejam, operam sob a marca única da Indosuez Wealth Management. Cada uma das subsidiárias, suas próprias subsidiárias, filiais e escritórios de representação, bem como cada uma das outras entidades da Indosuez Wealth Management, são designadas individualmente por "Entidades" e coletivamente por "Entidades".

As Entidades ou seus respectivos acionistas, bem como seus próprios acionistas, subsidiárias e, mais geralmente, as empresas do grupo Crédit Agricole SA ("Grupo") e, respectivamente, seus diretores, gestores seniores ou funcionários podem, individualmente ou em nome e representação de terceiros, realizar transações com os instrumentos financeiros descritos na brochura, deter outros instrumentos financeiros em relação ao emissor ou ao fiador desses instrumentos financeiros, ou prestar ou procurar prestar serviços de valores mobiliários, serviços financeiros ou qualquer outro tipo de serviço para ou dessas Entidades. Quando uma Entidade e/ou uma entidade do Grupo Crédit Agricole atua como consultor e/ou gestor de investimentos, administrador, distribuidor ou agente de colocação para determinados produtos ou serviços mencionados na brochura, ou realiza outros serviços em que uma Entidade ou o Grupo Crédit Agricole detém ou pode deter um interesse, direto ou indireto, sua Entidade dará sempre prioridade ao interesse do investidor.

Alguns investimentos, produtos e serviços, incluindo a custódia, podem estar sujeitos a restrições legais e regulamentares, ou podem não estar disponíveis em todo o mundo de forma irrestrita, tendo em conta a lei de seu país de origem ou país de residência, ou de qualquer outro país com o qual possa ter laços. Em especial, os produtos ou serviços apresentados na brochura não se destinam a residentes dos EUA e do Canadá. Os produtos ou serviços podem ser fornecidos pelas Entidades de acordo com seus preços e condições contratuais, em conformidade com as leis e regulamentos aplicáveis, e sujeitos a suas respectivas licenças. Podem ser modificados ou retirados a qualquer momento sem qualquer notificação.

Entre em contato com seu gerente de relacionamento para mais informações.

De acordo com os regulamentos aplicáveis, cada Entidade disponibiliza a brochura:

- **Na França:** a brochura é distribuída por CA Indosuez, uma sociedade anônima de responsabilidade limitada sob a lei francesa, com um capital social de 853.571.130 euros, empresa-mãe do grupo Indosuez e uma instituição bancária de serviços completos autorizada a fornecer serviços de investimento e corretagem de seguros, cuja sede está localizada em 17, rue du Docteur Lancereaux, 75008 Paris, França, registrada no Registro Comercial e de Empresas de Paris sob o número 572 171 635 (número de identificação individual de IVA: FR 075 72 17 16 35).
- **No Luxemburgo:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europa), sociedade anônima de direito luxemburguês, com sede social em 2520 allée Scheffer L-986 Luxemburgo, inscrita no Registro Comercial sob o número B91.986 e que possui a condição de entidade de crédito autorizada estabelecida no Luxemburgo e supervisionada pela Comissão de Supervisão do Setor Financeiro (CSSF).

- **Em Espanha:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europe) Sucursal em Espanha, supervisionada pelo Banco de Espanha (www.bde.es) e pela Comissão Nacional do Mercado de Valores (CNMV, www.cnmv.es), uma sucursal da CA Indosuez Wealth (Europe). Morada: Paseo de la Castellana número 1, 28046 Madrid (Espanha), registrada no Banco de Espanha com o número 1545. Inscrita no Registro Comercial de Madrid com o número T.30.176, F.1, S.8, H.M-543170, NIF.
- **Na Itália:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europa), sucursal da Itália com sede em Piazza Cavour 2, Milão, Itália, registrada no Register of Banks no. 8097, código tributário e número de registro no Registro de Empresas de Milão, Monza Brianza e Lodi n. 97902220157.
- **Em Portugal:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europe), Sucursal em Portugal, situada na Avenida da Liberdade 190, 2.º B - 1250-147 Lisboa, Portugal, inscrita no Banco de Portugal sob o número 282, número fiscal 980814227.
- **Na Bélgica:** a brochura é distribuída pelo Banque Degroof Petercam SA, localizada na rue de l'Industrie 44, 1040 Bruxelas, Bélgica, registrado no Registro Comercial sob o número 0403 212 172, registrado na Banque-Carrefour des Entreprises (base de dados de empresas belgas) sob o número de IVA BE 0403 212 172 (RPM Bruxelas).
- **Na União Europeia:** a brochura pode ser distribuída pelas Entidades da Indosuez Wealth Management autorizadas a fazê-lo ao abrigo da Prestação Gratuita de Serviços.
- **No Mónaco:** a brochura é distribuída por CFM Indosuez Wealth, 11, Boulevard Albert 1er - 98000 Mónaco, registrada no Registro de Indústria e Comércio de Mónaco sob o número 56S00341, acreditação: CE/2012-08.
- **Na Suíça:** a brochura é distribuída por CA Indosuez (Switzerland) SA, Quai Général-Guisan 4, 1204 Genebra, e pela CA Indosuez Finanziaria SA, Via F. Pelli 3, 6900 Lugano, bem como por suas respectivas sucursais e/ou agências suíças. A brochura é material de marketing e não constitui o produto de uma análise financeira, nos termos das diretivas da Associação Suíça de Banqueiros (ASB) relativa à independência da análise financeira, tal como concebida pela lei suíça. Consequentemente, essas diretivas não são aplicáveis à brochura.
- **Em Hong Kong Região administrativa especial:** a brochura é distribuída pela filial de Hong Kong da CA Indosuez (Switzerland) SA, Suite 2918, Two Pacific Place - 88 Queensway - Hong Kong. Nenhuma das informações contidas na brochura constitui uma recomendação de investimento. A brochura não foi encaminhada à Comissão de Valores Mobiliários e Futuros (SFC) ou a qualquer outra autoridade reguladora em Hong Kong. A brochura e os produtos mencionados não foram autorizados pela SFC nos termos das Seções 103, 104, 104A ou 105 da Lei de Valores Mobiliários e Futuros (Cap. 571) (SFO).
- **Em Singapura:** a brochura é distribuída pela filial de Singapura do CA Indosuez (Switzerland) SA, 2 Central Boulevard, West Tower #12-02, IOI Central Boulevard Towers, 018916 Singapur. Em Singapura, a brochura destina-se apenas a investidores credenciados, investidores institucionais ou investidores especializados, conforme definido pela Lei de Valores Mobiliários e Futuros 2001, de Singapura. Para quaisquer perguntas relativas à brochura, os destinatários em Singapura podem entrar em contato com a filial de Singapura da CA Indosuez (Switzerland) SA.
- **No DIFC:** a distribuição da brochura é feita por CA Indosuez (Switzerland) SA, DIFC Branch, Al Fattan Currency House, Tower 2 - Level 23 Unit 4 DIFC PO Box 507232 Dubai - EAU, uma empresa regulamentada pela Autoridade de Serviços Financeiros de Dubai ("DFSA"). Esta brochura é voltada somente a clientes profissionais e/ou contrapartes de mercado e nenhuma outra pessoa deve agir com base nesse documento. Os produtos ou serviços financeiros aos quais esta publicação se relaciona somente estarão disponíveis a clientes que cumprirem com os requisitos de cliente profissional e/ou contraparte de mercado segundo a DFSA. Esta brochura é fornecida somente para fins informativos. Ela não deve ser interpretada como uma oferta de compra ou venda ou solicitação de uma oferta para compra ou venda de quaisquer instrumentos financeiros ou para participação de qualquer estratégia de negociação específica em qualquer jurisdição.
- **Nos EAU:** a brochura é distribuída pelo escritório de representação da CA Indosuez (Switzerland) SA, Abu Dhabi, Zayed - The 1st Street - Nayel & Bin Harmal Tower, 5th Floor office 504, P.O. Box 44836 Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos. A CA Indosuez (Switzerland) SA opera nos Emirados Árabes Unidos (EAU) através do seu escritório de representação, que está sob a autoridade de supervisão do Banco Central dos EAU. De acordo com as regras e regulamentos aplicáveis nos EAU, o escritório de representação da CA Indosuez (Switzerland) SA não pode exercer nenhuma atividade bancária. O escritório de representação só pode comercializar e promover atividades e produtos da CA Indosuez (Switzerland) SA. A brochura não constitui uma oferta a pessoa determinada ou ao público em geral, nem um convite para apresentar uma oferta. É distribuído em uma base privada, e não foi revisado ou aprovado pelo Banco Central dos EAU ou outra autoridade reguladora dos EAU.
- **Outros países:** as leis e regulamentos de outros países também podem limitar a distribuição desta brochura. As pessoas em posse desta brochura devem informar-se sobre quaisquer restrições legais e respeitá-las.

A brochura não pode ser fotocopiada, reproduzida ou distribuída, no todo ou em parte, seja de que forma for, sem o acordo prévio do seu Banco.

© 2026, CA Indosuez (Switzerland) SA/todos os direitos reservados.

Fotos: AdobeStock.

Editado a 19.06.2026.

Presença internacional

A NOSSA HISTÓRIA

O Indosuez Wealth Management é a marca internacional de Gestão de Fortuna do grupo Crédit Agricole, o 10.º maior banco do mundo em termos de balanço (The Banker 2025).

Há mais de 150 anos que o Indosuez Wealth Management acompanha grandes clientes privados, famílias, empreendedores e investidores profissionais na gestão do seu património privado e profissional. O banco oferece uma abordagem personalizada, que permite a cada um dos seus clientes preservar e desenvolver o seu património de acordo com as suas aspirações. As suas equipas oferecem um continuum de serviços e ofertas que integram Consultoria, Financiamento, Soluções de Investimento, *Fund servicing*, Soluções tecnológicas e bancárias.

O Indosuez Wealth Management reúne mais de 4.300 colaboradores em 15 territórios no mundo: na Europa (Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal, Mónaco e Suíça), na Ásia-Pacífico (Hong Kong RAE, Nova Caledónia e Singapura) e no Médio Oriente (Abu Dhabi, Dubai).

Com 215 mil milhões de euros em ativos de clientes até ao final de dezembro de 2024, o Indosuez Wealth Management está entre os líderes europeus na gestão de patrimónios.

Mais informações em <https://ca-indosuez.com/>



INDOSUEZ WEALTH MANAGEMENT

O Indosuez Wealth Management conta com uma herança excepcionalmente rica, baseada em relacionamentos de longo prazo, experiência financeira e na nossa rede financeira internacional:

Ásia Pacífico

HONG KONG RAE

Suite 2918, Two Pacific Place - 88 Queensway
Hong Kong
T. +852 37 63 68 68

NOUMÉA

Le Commodore - Promenade Roger Laroque,
Anse Vata
98800 Nouméa - Nova Caledónia
T. +687 27 88 38

SINGAPURA

2 Central Boulevard, West Tower #12-02,
101 Central Boulevard Towers,
018916 Singapura
T. +65 64 23 03 25

Europa

BRUXELAS

Rue de l'Industrie 44
1000 Bruxelas - Bélgica
T. +32 2 287 91 11

GENEبرا

Quai Général-Guisan 4
1204 Genebra - Suíça
T. +41 58 321 90 00

LISBOA

Avenida da Liberdade, n.º190, 2ºB
1250 - 147 Lisboa - Portugal
T. +351 211 255 360

LUXEMBURGO

39, Allée Scheffer
L-2520 Luxemburgo
T. +352 24 67 1

MADRID

Paseo de la Castellana 1
28046 Madrid - Espanha
T. +34 91 310 99 10

MILÃO

Piazza Cavour 2
20121 Milão - Itália
T. +39 02 722 061

MÓNACO

11, Boulevard Albert 1º
98000 Mónaco
T. +377 93 10 20 00

PARIS

17, Rue du Docteur Lancereaux
75008 Paris - França
T. +33 1 40 75 62 62

Médio Oriente

ABU DHABI

Zayed - The 1º Street -
Nayel & Bin Harmal Tower,
5th Floor office 504
PO Box 44836 Abu Dhabi
T. +971 2 631 24 00

DIFC

Al Fattan Currency House, Tower 2
Level 23 Unit 4 DIFC
PO Box 507232 Dubai
T. +971 4 350 60 00

